ANO 9.º — Sexta-feira, 22 de Setembro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 410

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redação e Administração, Rua Direita, n.º 54

A faculdade de Direito de Coimbra e os seus defensores

Se as más causas não tivessem defeza, é quasi certo que não haveria advogados.

Por isso, não admira que a causa perdida—moralmente pelo menos—da faculdade de Direito de Coimbra esteja encontrando, por esse país fóra, condignos paladinos.

E'-nos humanamente impossivel lêr todos os jornaes e ter conhecimento de todas as cartas anonimas que surgem em Portugal; assim, muitos dos botes defensivos dos sordidos cavaleiros andantes que se arvoraram em protectores da conclave dos Fezas e dos Merêas, ficam-nos desconhecidos.

Todavia, de dois tivemos ultimamente conhecimento e não os podemos deixar passar sem a merecida consagração.

* *

Um desses botes defensivos é o artigo epigrafado a *Universidade de Coimbra*, publicado no n.º 27, de 10 do corrente, do nosso colega local *Distrito de Aveiro*.

Não sabemos porque infeliz sestro, é especialidade deste moderno orgão do evolucionismo a defeza de todas as causas que cheiram a monarquismo, retrocesso e jesuitismo.

Surpreende-nos deveras o facto, tanto mais de estranhar quanto é certo que se dá em orgão de arreigadas e firmissimas convicções republicanas, num dos mais solidos esteios das instituições vigentes e com o qual elas pódem confiadamente contar.

Mas que ele se dá, é inegavel. Assim, ainda não ha muitos mezes que vimos o *Distrito*, a proposito duma reprovação que se indicava como injusta, a quebrar lanças em defeza da faculdade de Direito coimbrã; pouco depois, vimo-lo a arremeter, irado e não fecundo, contra o regedor de Esgueira, pelo facto de esta autoridade, no pleno uzo das suas atribuições legaes, proibir, por motivo de ordem publica, a comparencia do padre Gil, sacerdotalmente paramentado, nos cortejos funebres, dentro da área daquela freguezia; semanas volvidas, vemo-lo aconselhar, com o jupiteriano entono de quem aponta o caminho da verdade, reconciliações impossiveis entre os republicanos democraticos de Esgueira e a reles gente que, de há anos, vem, numa série de intoleraveis canalhices, praticando contra os mesmos as mais inclassificaveis torpêzas, só proprias de creaturas sem vislumbres de educação, de dignidade e de caracter; e agora, como remate, eis que nos surge o semanario evolucionista defendendo, com sofisticas artimanhas, a faculdade universitária dos Fezas e Colaços.

Surpreende-nos, na verdade, o facto.

Em qualquer papel de côr monarquica, no *Dia*, na *Nação*, ou na *Liberdade*, não seria de estranhar. Era um caso humano e banal de confraternisação na patifaria. Mas no *Distrito*, orgão do partido que tem por chefe glorioso Antonio José de Almeida, um dos mais formidaveis obreiros da tarefa da demolição do pseudo-constitucionalismo brigantino, no *Distrito*, que é firme baluarte dos principios republicanos, surpreende-nos, confessâmo-lo, essa tentativa de defeza de factos que, dentro da verdade e da justiça, não tem defeza possivel.

Toda a imprensa republicana do país, a verdadeira, verberou, indignadamente, as ultimas patifarias perpetradas pelos Colaços da faculdade de Direito coimbrã; contra elas levantou unisono clamor a opinião republicana, tambem a verdadeira, que não é a da vil turba de arranjistas que tomam a mascara politica que mais convem aos seus interesses; nós mesmo, numa série de artigos, apontámos os factos insofismaveis que tornam de inadiavel urgencia o saneamento desse antro de monarquismo, jesuitismo e correlativas torpezas, que, oficialmente, dá pelo nome de faculdade de Direito da Universidade de Coimbra; e, depois disto tudo, fechando os olhos á evidencia, desvirtuando os factos, vem o orgão evolucionista alegar que a campanha contra o coio dos Colaços, Fezas e Guilhermes Moreiras se estriba apenas em serem *reaccionarios, monarquicos, conspiradores amnistiados* e dizer que essa campanha só teria valor se aqueles ornamentos *lenticulares* do templo de Minerva podessem, com fundamento, ser acusados de *incompetencia profissional* ou de *pecarem por falta de caracter!*

Pois que mais plena demonstração de incompetencia e de falta de caracter póde por esses homens ser exibida que a de reprovarem alunos sabedores unicamente pelo facto destes não serem adeptos fervorosos da fé catolico-monarquica?

Sempre foi requisito imprescindivel em professores e, sobretudo, em professores examinadores, um firme espirito de justiça, pairando, sobranceiro, a despeitos, discordancias politicas ou religiosas, simpatias ou antipatias pessoaes, caprichos e empenhos.

O examinador, que, no exercicio das suas funções, por estes e analogos moveis mesquinhos se norteia, é um incompetente e um homem sem caracter.

E o caso assume as proporções dum intoleravel escandalo quando tais infamias são perpetradas com o assentimento, cumplice ou indiferente, do Estado.

Aqui tem o *Distrito* o movel das reclamações deste semanario e dos de todos os verdadeiros republicanos, a favor da extinção, ou, pelo menos, da transferencia e do saneamento da caverna coimbrã dos Fezas e Colaços.

* *

A outra arremetida defensiva dos apologistas do sinistro instituto de direito torto, que, em menos dum decenio deu á publica governação, como prototipos do espirito que o inspira, as figuras torpes e sombrias de Teixeira de Abreu e Guilherme Moreira, é bem mais interessante, bem mais caracteristica que a local do colega evolucionista.

E', porém, tão baixa e nojenta, evidencia tão nitidamente a cloacina essencia de certos paladinos dos Fezas e Merêas que estivemos quasi dispostos a sepulta-la num silencioso desprezo.

Todavia, considerando que o melhor castigo de taes torpezas é a publicidade, resolvemos, por fim, exara-la nas colunas do *Democrata*.

E' nem mais nem menos que uma carta anonima, vendo-se, pelo carimbo do sobrescrito, que foi lançada, no dia 13 do corrente, numa ambulancia. Escrita em caracteres imitando os da imprensa, é a punhalada anonima em todo o seu fétido horror.

Quanto á essencia, demonstra, em tão absoluta e aflitiva nudez, a imbecilidade, a ignorancia e a vacuidade mental do seu auctor que, francamente, antes se nos afigura obra de qualquer idiota cursando alguma escola primaria do que de aluno dum curso superior.

Porêm, como os coios jesuiticos de S. Fiel, Campolide e quejandos devem, nestes ultimos anos, ter golfado nos claustros universitários coimbrões larga copia de cretinos, póde ser que seja de algum desses.

Mas, seja como fôr, eis o curioso documento, cujo original se conserva nesta redacção, ao dispôr de quem o quizer admirar:

Arnaldo Ribeiro

Tendo lido os ultimos numeros do teu jornal, fiquei deveras excitado contigo por via da asquerosa campanha que vens fazendo contra a velha e historica *Universidade*, da mui nobre e leal cidade de *Coimbra*.

Era bem melhor que te calasses do que andares a dizer tanto disparate, do que dizeres só coisas abjectas e hediondas, e que não são da tua conta.

Mete a viola no saco e cura-te de teu. Mas naturalmente agora não ha volta a dar-lhe. Empenhaste-te em dizer só asneiras e parvoíces e é já bastante tarde para deixares de ser cinico e petulante.

A *Universidade de Coimbra*, meu caro, ha-de conservar-se *per omnia secula seculorum*, sabes?

Aquilo não é coisa que vá abaixo com duas palhetadas.

Descança; não serão os teus nojentos e imbecis artigos que hão-de derruir aquele vêtusto estabelecimento de ensino.

O seu professorado monarquico-clerical, como tu lhe chamas, ha-de continuar a exercer ali o seu mister.

O seu corpo discente na sua quasi totalidade monarquico, e com muita honra, ha-de continuar a ter aulas naquele estabelecimento de ensino.

As tuas palavras nada valem. São como pedaços de papel lançados ao vento.

Mas se queres continuar a berrar, berra... berra; pois como vozes de burro não chegam ao ceu...

A *Universidade de Coimbra* e especialmente a sua *Faculdade de Direito* não é um perigo nacional como tu dizes; o que póde ser é um perigo para esta republica, um poderoso auxiliar de completo aniquilamento deste regimen de desordens e confusões, no qual ninguem se entende e que está a caír de pôdre e prestes a atingir o inverno da sua breve existencia.

X. Y. Z.

E, em *post-scriptum*, acrescenta este misto nojoso de petulancia, estupidez e ignorancia:

Olha: com respeito ás *Cartas intimas* isso dou-te de concelho que continues pois fazes bem.

Isto de ir dançar o vira para uma igreja, bater o fado, e banquetear-se na dita igreja é... é... é só proprio dessa sociedade torpe de Aveiro.

Eis o ultimo—ultimo em tudo, na verdade—defensor dos Colaços, Fezas e Merêas. Realmente, é um paladino condigno da causa...

Já viram besta mais chapada? Nem ideias, nem fórma, nem, sequer, gramatica. Pois se o imbecil nem virgular sabe...

Francamente, se esta besta descompaçada—como Camilo chamou a outra de bem menor calibre—frequenta o antro da faculdade coimbrã de Direito, é digno aluno dos Fezas e, se ainda não apanhou distinção, está numero um para ela.

Grotesco idiota, que, pretendendo ofender, só logra provocar o riso daqueles que quer ferir...

Todavia, é sintomatico que os Colaços e os Merêas só encontrem destes e quejandos defensores.

Films . . .

Por toda a parte

Certos republicanos de Castro Daire estão empregando os seus melhores esforços para colocar na secretaría da câmara, como seu chefe, um cavalheiro que, alem do mais, publicou na Espanha, em 1912, um manifesto, que terminava com esta retumbante tirada:

Castrenses: Odiai sempre a gentalha republicana, olhai para esses bandidos hipocritas com despreso, indiferença e indignação e vêde que todos, sem excepção, trazem gravada na fronte a encarnado o lema que trilham: Perseguidores da humanidade e da religião de Cristo! Respeitai e admirai sempre os vossos concidadãos, que tem por divisa: — Deus, religião e patria.

Um colega nosso, comentando, diz que a escolha não pôde ser mais acertada e que *isto vai indo*...

Olé se vai. Com uma diferença: é que talvez não chegue ao fim sem o respectivo môlho...

Caspité!

Lêmos no *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro* que o governo, a *instancias do sr. Mariano Ludgero*, deferiu uma pretenção qualquer da Junta de Paroquia de Esgueira, por onde inferimos das bôas relações em que se encontra com o poder central o ex-juiz da irmandade do Santissimo ha pouco sindicado e obrigado a repôr uns oitocentos e tantos escudos que andavam individamente a *fluctuar*.

Tudo á altura. Para honra do partido democratico que, como se vê, não póde estar melhor representado...

A rir

A defêsa que o *orgão do Partido Republicano em Aveiro* faz do homem dos empregos, já se não póde levar doutra maneira senão a rir. Aquilo não é defêsa: é uma cova que se abre para receber o cadaver da miserrima creatura com os seus *vencimentos fluctuantes* e tudo.

Que pena não responderem aos *profissionarios* do insulto! Tinhamos ao menos o gosto de lhes lermos as asneiras, como aquela dos *profissionarios*, e de aquilatarmos da pujança intelectual dum simples estudante de instrução primária com pretenções a grande senhor e ainda por cima—jornalista!

Não se encontram de mais originalidade. A' parte o *Bébes* e o *Bichêsa*, que—essa justiça lhes fazemos—teem escrito sempre *profissionaes do insulto*, classificação por eles dada a quem se compraz de os mostrar taes quaes são, outros, escusa-se mesmo de procurar—não ha.

Se nem copiar sabem...

"O Mundo,,

Completou 16 anos o diário lisbonense que por largo tempo se manteve na defêsa da Republica dirigido pelo seu fundador, o saudoso França Borges, e cuja existencia foi das mais atribuladas enquanto se manteve o regimen crapuloso a que o 5 de Outubro abriu a cova, sepultando-o no abismo das suas maquiavelicas devassidões.

Essa época recordamo-la nós com viva emoção e pois que no-la invoca tambem o esforçado e audacioso combatente á passagem doutro aniversário, daqui o cumprimentâmos só desejando que a sua divisa—pelo Povo, pela Patria e pela Republica—seja rigorosamente mantida para honra das gloriosas tradições que o cercam e a quantos acompanharam França Borges no rude combate contra a tirania e tudo que significava despotismo.

Por causa dum emprego

Ao encontro da perfidia

Ao *bada... méco*, velhaco e... *fino* como o mais atilado patego de Mataduços, fez a publicação do mapa dos ordenados do sr. Francisco da Encarnação, aqui inserto, o efeito dum marmelo crú pelas guelas abaixo! Vai de aí, com aquela esperteza saloia com que a Natureza o dotou, do que se havia de lembrar o advogado oficioso do *ilustrado* comissario de policia, administrador do concelho, amanuense do governo civil, secretário da Comissão Distrital Politica e secretário da Estatistica, certamente ouvida a judiciosa opinião do director do jornal? Vem-nos dizer sem se importar com a gargalhada pública, que com tal publicação só conseguimos *que se fique sabendo o grande e horrivel crime que a Republica está cometendo, pagando a um cidadão que trabalha e produz, 360$00 anuaes.* Continuando, escreve ainda o seguinte que é, sem duvida, digno de registo, e insuspeito testemunho de como o *bada... méco* e a sua *troupe* considera a moralidade de um regimen e a dedicação e dignidade dos seus servidores: **As contas, a nosso vêr, devem ser assim feitas porque os restantes 90, 400 e 95 escudos são vencimentos fluctuantes que ámanhã desaparecem.**

Nos tempos da monarquia, os insaciaveis comedores dessa época, de mistura com a *intima e inabalavel dedicação* ao regimen—tal qual os de agora—crearam um termo, que, *no seu modo de vêr*, com ele legalisavam e justificavam os inqualificaveis abusos e latrocinios, os assaltos ao erario publico, locupletando-se com o resultado de todas as imoralidades e indignidades praticadas. Definiram essa situação chamando-lhe *adeantamentos*.

Agora, a dentro do regimen, que está a marcar o seu sexto ano de existencia, já ha quem pratique os mesmos actos; aparece quem os defenda, e, para não ser de todo em todo egual o processo e o termo, em vez de *adeantamento*, chamam-lhe—**fluctuações!!!**

Espantoso e repugnante de cinismo!

E foi para isto que nos per-

guntaram se queriamos transformar em orgão *democratico* das comissões respectivas, o nosso jornal, como futuro defensor, submisso e inconsciente, do cometimento de toda a imoralidade reles e revoltante, publico testemunho da mentira cinica e hipocrita contra que, não ha ainda seis anos, todos esses *bada... mécos* berravam, condenando e fulminando aqueles que então as praticavam, como se fossem irmãos gemeos dos que agora as cometem.

Nunca na monarquia, mesmo na época em que esta registou o maximo impudor, nos periodos de maiores desmandos, aqui ou em qualquer outra parte se praticou um abuso desta ordem, uma imoralidade desta grandeza: um cidadão vulgar do Lineu exercer ao mesmo tempo as funções de quatro logares, locupletando-se imerecida e imoralmente com os vencimentos de todos eles em absoluto incompativeis.

Nunca, nunca se viu; nunca, nunca se deu tamanho escandalo!

Mas... quando, de facto e em boa verdade, a Republica pagava ao sr. Francisco da Encarnação o seu vencimento de amanuense do governo civil e os respectivos emolumentos, nunca aqui tivemos uma palavra em desabono nem em descredito desse facto, o mais aceitavel e justo.

Antes neste mesmo logar nos congratulámos com o seu despacho, ao qual a comissão do ministerio de finanças negou o *visto*, tendo sido preciso que o ministro respectivo, nesse tempo o sr. dr. Bernardino Machado, assinasse a nomeação independente dessa formalidade, que não nos importou saber se com razão e lei fôra negada. Tal era o odio, o rancor, a animadversão que nutriamos pelo nomeado. Conhecemos sempre o sr. Francisco da Encarnação inculcando-se republicano. Que nos conste, todos os seus serviços prestados no tempo da propaganda, não passaram das platonicas declarações do seu republicanismo. O despacho da sua pessoa para o governo civil representou para nós um acto vulgar do governo, nomeando um republicano para um logar publico vago.

Nada mais logico, nada mais natural.

Vem o catorze de Maio, fulminante e resplandecente para acabar com a violencia e com os desmandos de todo o genero com que uma ditadura vergonhosa, havia mezes, vinha afrontando a nação. Sob pretextos idiotas, nascidos não sabemos de onde, constituem-se comissões, organisadas, em parte, com elementos que, todavia, na vespera da revolução aplaudiam todo esse estendal de desatinos. Não perdendo a ocasião, por sua vez, em nome da ordem publica, e satisfação dos seus interesses e odios pessoaes, estabeleceram a maior anarquia com substituições sucessivas de individuos no desempenho das funções administrativas e policiaes desta cidade. Um belo dia a nomeação do sr. Francisco da Encarnação para aqueles logares rebentou como uma bomba. A' logica exclamação de espanto e correlativas considerações que a novidade provocou, observou-nos alguem, que *bebia do fino*, que era cousa de dias, emquanto não viesse quem ocupasse, á devida altura, o logar.

E assim, esses dias tem decorrido, teem passado, e o sr. Francisco da Encarnação metendo no seu bolsinho o melhor de 981 escudos—fluctuantes—muito fluctuantes mesmo quando sáem dos cofres publicos para as suas mãos!

Bada... méco, conseguindo engulir o marmelo, com as guelas doridas por o efeito da violenta dilatação, brota-lhe do cerebro uma das suas *ferteis e explendorosas ideias* para afectar ao respeitavel publico que a operação nada tivera de dificil.

Consoladinho com o efeito mirabolante das *fluctuações*, o *Bada... méco*, com o maior cinismo, com a mais consciente desvergonha e falsidade, expõe a diferença que existe entre 981 escudos com que se abotoa o *ilustrado* e *erudito* comissario de policia, com os fantasticos 3:000 escudos *e pico* com que seria retribuido um *logarsito* para o qual *tanto trabalhámos*.

Independente da imbecilidade que evidenceia a classificação de *logarsito* dada a funcções que são remuneradas com 3:000 escudos e pico por ano, emprazâmos o velhaco caluniador a que diga qual era esse logar, que comporta com tanta precisão o seu rendimento.

Emprazâmo-lo a que o diga e mais ainda: emprazâmo-lo a que, não esperando que alguem um dia de nós se lembre, ao escrever a historia politica de Aveiro, nos primeiros anos da Republica, tome desde já o *Bada... méco* tal iniciativa, fazendo largo e minucioso relato de todos os factos e acontecimentos que ele tanto lastima se não registem e apontem ás gerações vindouras.

Vâmos a isso! Mãos á obra, porque já lá vae o tempo em que o *Democrata* era o *batalhador intemerato*, o *ponto de apoio*, o *baluarte*, a dentro do qual todos quantos aplaudem agora as vergonhas e as imoralidades que se estão dando, vinham comnosco engrossar os nossos gritos de protesto e de desespero contra as traficancias cometidas, contra as poucas vergonhas de todos os dias.

Pois o *Democrata* é hoje o mesmo; está no seu logar, gritando, protestando contra os erros, crimes e imoralidades que se cometam, ainda que taes crimes e taes imoralidades sejam praticadas por republicanos, o que para nós toma maiores proporções de crime e de castigo.

Para nós são elas bem mais revoltantes do que aquelas cuja responsabilidade cabe á monarquia e aos monarquicos. Prometemos e afirmámos que sobreviria a todo esse desabar de honra e prestigio das instituições mortas, outras assentes no Direito, na Justiça e na Lei.

Era a Republica!

Vâmos, *Bada... méco*, vâmos! Venham o director, a *troupe*, o protegido, o padrinho... mór e as respectivas *fluctuações*, afim de que sejam explicadas, justificadas ao publico as razões de ser das suas cavilosas insinuações.

Ponham os pontos nos ii!

Que nós prometemos o resto ao *Bada... méco* e a todos que o acompanham e aplaudem as suas imbecilidades envenenadas.

OS REFRACTARIOS

Em vista da circular n.º 2589 da 3.ª Repartição da 5.ª Divisão do Exercito que transcreve a circular n.º 9 da 3.ª Repartição da 1.ª Direcção Geral da Secretaría da Guerra, o Distrito de Recrutamento n.º 24 afixou editaes para tornar público que foram prorogados até 31 de Dezembro os prazos para apresentação das praças com a nota de *refractarios* e que estão ao abrigo do decreto de amnistia de 17 de Abril ultimo, devendo por isso os que desejem aproveitar do referido decreto apresentar-se até áquele dia.

TRANSCRIÇÃO

Ao nosso colega *O Povo de Anadia* agradecemos o ter reproduzido do penultimo numero do *Democrata* o editorial que nele saíu, sob a epigrafe—*Os arranjistas*.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Reinspecções

Acaba de ser determinado superiormente aos chefes dos distritos de recrutamento que convoquem todos os mancebos recenseados no corrente ano, isentos do serviço militar, e todas as praças que tenham tido baixa por incapacidade fisica desde 21 de março ultimo até 7 do presente mez, para serem reinspeccionados, aplicando-se a este serviço o disposto na circular n.º 21 de 25 de maio, expedida pela 3.ª repartição da 1.ª direcção geral do ministerio da guerra.

As juntas de reinspecção serão compostas de um oficial superior do quadro de reserva, servindo de presidente, de um subalterno e dum alferes-medico.

E não se passa disto quando tudo, afinal, se podia fazer sem encomodos de maior.

Visitante ilustre

Ha dias que se encontra entre nós o ilustre sabio dr. Alfonso Gandolfi Hornyold, professor da Universidade de Genebra, que aqui se demorará em estudos zoologicos maritimos em todo o nosso vasto estuario na mais ampla latitude, nomeadamente para particulares experiencias scientificas, tendentes a conhecer a origem e procreação das enguias.

Ao sr. Capitão do Porto foi superiormente indicado que áquele eminente cidadão fossem prestadas todas as facilidades que são de uso com estrangeiros de distinção, especialmente em harmonia com o assunto que este vem tratar.

Mas isto póde ser?

O "Povo de Agueda,, ocupa-se tambem da escandalosa situação em que se encontra um empregado publico de Aveiro

Com o titulo que nos serve de epigrafe, lê-se no numero de sábado da conceituada folha evolucionista de Agueda os seguintes periodos:

O nosso coléga *O Democrata*, de Aveiro, publica na sua primeira pagina do numero passado uma nota ilucidativa das verbas a receber pelos logares que o sr. Francisco da Encarnação acumula, sem que o sr. governador civil tome as necessarias providencias.

Serão essas informações colhidas, amigo Arnaldo Ribeiro, verdadeiras?

Pois o regimen republicano póde admitir taes abusos, taes poucas vergonhas, taes afrontas a muitos que trabalham?

Então o sr. governador civil, que tanto protestou contra a acumulação de logares póde hoje consentir e auxiliar taes egoismos e desaforos? Isto é o cumulo do favoritismo! Não póde ser. As informações do nosso coléga *O Democrata* não pódem, por principio algum, ser verdadeiras!

Eu sei que o Arnaldo, seu digno director, e nosso querido amigo, não publica no seu jornal acusações gratuitas, mas com franqueza, o que publicou com relação a acumulação de logares do sr. Francisco da Encarnação é um caso tão extraordinario que nos coloca na duvida do que aí se apresenta. Se *O Democrata* nos confirmar o que a semana passada disse dos proventos do sr. Encarnação, voltaremos ao assunto que bem o merece.

O *Povo de Agueda* termina pela inserção do mapa e considerandos juntos que este jornal publicou sobre os empregos do *dedicadissimo* republicano sr. Encarnação e pois que assim o deseja diremos ao presado coléga que a verdade tanto neste como em muitos outros casos nunca por nós foi alterada, respeitando-a o *Democrata* com sacrificio, sim, mas desvanecido pelo cumprimento do dever que impende sobre o jornalista que quer exercer essa espinhosa missão com honra, embora sem brilho.

O mais interessante, porêm, ainda não está aqui. O mais interessante é o que o proprio *orgão do Partido Republicano Português em Aveiro* diz, referente ao mesmo assunto, não considerando as contas bem feitas visto os 90, 400 e 95 escudos serem **vencimentos flutuantes que ámanhã desaparecem.**

Ainda bem que o confessam. E por aqui póde aquilatar o *Povo de Agueda* da rasão que nos assiste, verberando, da maneira como o temos feito, quantas poucas vergonhas se lembram de praticar á sombra do regimen, mórmente no distrito de Aveiro, os seus dirigentes de hoje, que tanto se confundem, nos processos, com os dirigentes de ontem.

Talvez nos chamem máus republicanos por assim falarmos. Todavia isso não obsta que digâmos o que sentimos, proclamando bem alto que não foi para uma Republica destas que trabalhámos, prostituida logo ao desabrochar da sua mocidade por aqueles a quem devia merecer outro respeito.

Arre, que é de mais!

O ano agricola

Foi abundantissimo, compensando bem o trabalho e as despêsas que custou aos lavradores a preparação das suas seáras, a colheita que estes acabam de fazer, sendo de prever que alguns produtos apareçam no mercado mais baratos do que o que teem sido.

Pelo menos torna-se isso indispensavel a menos que o que se está dando com o açucar tenha reflexão nos outros géneros de primeira necessidade, pela incuria das autoridades e desleixo de quem, tendo por obrigação auxilia-las e instiga-las ao cumprimento do seu dever, ainda até hoje não deu um passo nesse sentido, conservando-se numa passividade digna de todo o reparo, merecedora da mais acre censura.

Referimo-nos á Câmara Municipal. A' Câmara que podia nesta ocasião prestar relevantes serviços ao concelho, fazendo o que muitas se apressaram a realizar em beneficio dos seus municipes apenas se agravou a crise das subsistencias e em campo apareceram os açambarcadores a explorarem vil e escandalosamente o público.

Mas a Câmara de Aveiro acha que tudo vai bem, que tudo corre á maravilha. Para quê contraria-la? Para quê mostrar-lhe a inconveniencia dessa situação, que se não explica, de absoluto desinteresse por o que lhe devia merecer outra atitude rasgadamente oposta á que marca, defrontada com as consequencias do momento que atravessâmos? Não vale a pena. Deixem-nos tão sómente apontar o erro que se está cometendo, abandonando um assunto que tanto interessa á economia do povo, o eterno explorado pela falta de escrupulos duns, pela ganancia, pelo lôgro e pela grosseira vilêsa de outros.

E' pouco; mas talvez o suficiente para acordar na consciencia dos que nos lerem um dever que a todos assiste—não tendo quem os defenda, defender-se cada qual como puder.

Roubados é que não, que atinge a maior das ignominias.

PELA IMPRENSA

"A Águia,,

Chegaram-nos esta semana os n.os 56 e 57 desta revista portuense, de literatura, arte, sciencia, filosofia e critica social dirigida superiormente pelos srs. Teixeira de Pascoaes e Antonio Carneiro.

O orgão da Renascença Portuguêsa, que muito apreciâmos, traz distinta e variada colaboração, como se póde vêr pelo seguinte sumario:

LITERATURA—A viagem de Antéro de Quental á America do Norte—*Antonio Arroio*. Aos Lusiadas—Versos de *Teixeira de Pascoaes*. Terras do Sul—IV—Cantos Alemtejanos — *Visconde de Vila-Moura*. Velando na Noite—Versos de *Antonio Sérgio*. Provincianismos usados em Monção—*Antonio Pinho*. ARTE — Joaquim Negrão (Ilustr.)—de *Antonio Carneiro*. A Fama (Ilustr.)—Modêlo decorativo (Ilustr.)—de *Julio Vaz Junior*. SCIENCIA, FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL—Colonisação, Climas e Linguas, VIII—*Afonso Cordeiro*. Os Berberes e os povos peninsulares, I—*A. Mendes Correia*.

"Atlantida,,

Tambem o n.º 11 do apreciavel semanario artistico, da direcção dos conhecidos literatos João do Rio e João de Barros, se apresenta com notavel brilho devido á escolha dos assuntos que encerra em todas as suas paginas onde a situação internacional é descrita, numa entrevista concedida pelos srs. ministros das Finanças e dos Negocios Estrangeiros, com a maior elevação de fórma, por um dos seus redactores.

Recomendâmo-la.

"O Espelho,,

E' um jornal ilustrado que se publíca em Londres todos os mezes e trata quasi exclusivamente de assuntos da guerra.

E' impresso em magnifico papel, como convém á nitidez das muitas e interessantes gravuras que por ele se vêem espalhadas.

"O Ferro-viario,,

Felicitâmo-lo pela entrada no 5.º ano, desejando-lhe as maiores prosperidades para continuar pugnando pelos interesses da classe.

Subsistencias

—=(*)=—

Por toda a parte se levantam justificados clamores contra a falta de medidas energicas e proveitosas, para que se acabe de vez com a infamissima ganancia e torpissima exploração que por esse país fóra se está fazendo com os generos de primeira necessidade, lançando nas mais atribuladas circunstancias milhares de familias—a nação inteira—que espera ha mezes as anunciadas medidas salvadoras, apregoadas por um irrisorio ministerio que para aí se constituiu, para sómente distribuir empregos e manter... uma pasta!

E' uma verdadeira e autentica vergonha o que se está passando, o que se está fazendo.

No Porto houve já gráves disturbios com desgraçadissimas consequencias—assaltos a estabelecimentos, numerosos feridos, prisões, tiros e o resto do cortejo que é do costume suceder em casos destes.

A esse respeito reproduzimos da insuspeita *Montanha* estes edificantes periodos:

O povo humilde, trabalhador e honrado, tem razão, sim. Negar-lha seria um crime. Mais do que isso: seria uma infamia. Mas é necessario serenidade, ponderação, ordem. Nada se ganha com a desordem, nada se aproveita com perturbações e violencias. Estas só servem para os maus e especuladores se regosijarem com esses espectaculos desgraçados que levam quasi sempre a violencias de parte a parte.

O povo tem razão, sim. E é necessario providenciar e atende-lo. Reclame ordeiramente, com factos e quem o não atender é criminoso.

Por isso dizemos: o povo tem razão, sim, toda a razão, mas é necessario sabe-la ter, pedindo que se olhe a sério, mas muito a sério, para a sua alimentação. A hora é gráve, mas não é desesperada, se, quem tem obrigação de providenciar, souber o que tem a fazer e não se mostrar indeciso ou fraco.

Mas o povo pediu, suplicou, esperou, sofreu e desesperou! Reconhecendo-lhe inteira razão, porque se não atende as suas reclamações, porque se não satisfaz os seus pedidos?

Entre nós, por exemplo, estão a dar-se factos que precisam e chamam a atenção de quem—se de facto alguem—superintende e se importa com o que se passa.

Chegou um wagon de açucar para ser distribuido por os estabelecimentos da cidade, mas o que resolve a comissão de subsistencias de acordo ou sem acordo com a autoridade?

Recusa-o a diversos negociantes com vários pretextos, alegando até que o não fornecia a determinados, porque tinham desse genero avultado *stock*. Mas se na realidade é assim, porque não intervem a autoridade, obrigando os detentores a estabelecerem a respectiva venda? Então dá-se esse facto e a autoridade com ele transige, calando-se, ou serão tudo isso falsos motivos para vinganças e represalias mesquinhas? Do que não resta duvida é que o publico, a quem se restringiu o seu fornecimento, só póde fazer compra de açucar aos felizes beneficiados por si proprios e não póde comprar mais de 250 gramas, porque a comissão de subsistencias resolveu na sua altissima sabedoria que para uma familia composta de duas pessoas chegasse essa quantidade e para uma casa de dez ou mais deve da mesma fórma satisfazer.

Mas não ha quem olhe por tudo isto?!!

Mobilisação

Estão convocados os sargentos, cabos e praças licenceadas, de 1908 até ao presente, dos regimentos de infanteria, cavalaria, engenheria, companhia de saude e equipagens, de que se compõem as 1.ª e 4.ª divisões do exercito, para se apresentarem nos respectivos quarteis até ao dia 26 do corrente, sob pena de procedimento, faltando sem motivo justificado.

Os locaes destinados á apresentação, acham-se compreendidos nestes quatro—Lisboa, Santarem, Mafra e Tancos.

CARTA

—=(*)=—

Sr. Redactor

Quando nos referimos aos desvios que dizem haver-se dado no Museu Regional de Aveiro, simplesmente pretendêmos atrair para esse monumento o cuidado de quem se interessa por coisas, não só de arte, mas de real valôr. Qaem foi que fez extraviar os objectos apontados na nossa primeira carta, é que não sabemos.

Déram-se? Não se déram? E' o que desejâmos saber. E assim, a sindicancia que o director do mesmo Museu, sr. Marques Gomes, vai pedir, decerto esclarecerá suficientemente todas essas duvidas em que andâmos embrenhados. E' justo que assim faça, não só para ilibar o seu nome de qualquer suspeita menos honrosa, mas ao mesmo tempo para, duma vez, nos inteirarmos de que no Museu existe um inventario de todos os objectos, escrupulosa e sériamente elaborado.

E já que o sr. Marques Gomes envereda por esse caminho, que muito calorosameate aplaudimos, é bem que tambem se saiba, como por aí se diz abertamente, onde pára uma banquêta de valôr, a maior parte dos tubos do orgão grande da igreja de Jesus, e ainda um objecto qualquer, mas de valôr tambem, que ha tempos veio das Salésias, de Lisboa.

Aquela, dizem, não sabemos, que descança na Costa do Valado; estes que foram trocados a dinheiro no estabelecimento de ferragens do sr. Ricardo Costa, e este outro que voou até alturas de Cantanhede.

Será isso, que se diz, verdade?

Não sabemos, repetimos. Por isso, uma investigação miúda e séria restabeleceria a ordem na desordem que, segundo se conta, vem lavrando no Museu Regional de Aveiro.

Aguardemos, por tanto, sr. Redactor o decorrer de todos esses esclarecimentos que os amigos da arte tanto desejam e querem, confessando-nos muito grato

De V. etc.,

20—9—916

L. E. R.

Pelo que se vê aumenta a lista dos objectos que se diz terem saído do Museu, não sabemos porque procéssos nem com autorisação de quem.

O nosso informador alude a que o director do Museu vai pedir uma sindicancia. Não tinha, o sr. Marques Gomes, outro caminho a seguir e estamos cértos levará ao encarregado desse serviço todos os esclarecimentos de fórma a saber-se, se é verdade, quem tem trazido do Museu os objectos referidos, assim como terão de ser ouvidos os seus actuais possuidores que informarão de quem os houvéram.

O que se torna indispensavel é não só conhecer de toda a verdade, como ainda estabelecer as cousas de fórma a não poder repetir-se tais atoardas, com prejuizo e sobresalto para tantos quantos superintendem na fiscalisação das preciosidades artisticas que ali estão reunidas.

O que está é que não póde continuar, e o resultado do que corre se irá fazer deve acabar de vez com a possibilidade, sequer, da invenção de novos boatos.

OPERARIOS PARA FRANÇA

—=(*)=—

Estão quasi definitivamente resolvidas as condições em que poderão ir para França os trabalhadores e artifices que desejem empregar-se nas fabricas de munições daquele país.

O Estado só permite que sáiam de Portugal para esse efeito individuos com mais de 32 anos de idade ou que, sendo de idade inferior, tenham sido isentos do serviço militar.

Aqueles, porêm, que ainda possam ser chamados ás fileiras, terão de se apresentar no país no caso de serem convocadas as classes a que pertençam.

Aos trabalhadores e artifices portuguêses será dispensada pelo Estado francês a mesma protecção que ele concede aos operarios nacionais. Nestes termos, todos eles ficarão ao abrigo da lei francêsa dos acidentes de trabalho.

A viagem será paga pelo sub-secretariado das munições de França, quando os operarios se destinem a fabricas do Estado, ou pelas emprezas particulares proprietarias das oficinas para onde eles sejam contratados. Além do pagamento da viagem, cada operario terá 5 escudos na ocasião do embarque.

Se o trabalhador ou artifice não demonstrar capacidade para nenhum dos trabalhos que lhe fôrem confiados, será repatriado á custa do Estado francês ou dos proprietarios da fabrica. O contracto será por seis mêses, devendo considerar-se renovado por igual periodo se oito dias antes nenhuma das partes fizér declaração em contrario. Se o operario não quizér continuar na fabrica, passado o periodo dos seis mêses, será tambem repatriado á custa do Estado francês ou dos donos da fabrica.

Os salarios variam conforme as aptidões do trabalhador ou artifice e segundo o trabalho que ele produza.

O salario médio para trabalhadores sem nenhuma especialisação profissional póde calcular-se de 4 a 6 francos por dia. Os que sem se terem especialisado possuam uma preparação geral que lhes permita trabalhar em peças, poderão ganhar a média de 5 a 7 francos (1$00 e 1$20). Os operarios especialisados, os artifices, vencerão a média de 8 a 12 francos (1$60 a 2$40).

O trabalhador ou operario poderá ser deslocado duma fabrica para outra duma região diferente. Nesse caso, porêm, receberá por dia o subsidio do 5 francos, além do seu salario (1$00).

O govêrno francês ou os proprietarios das fabricas comprometem-se a fornecer alimentação e alojamento aos contratados que assim o desejem. Os preços variam conforme as regiões, mas a média não vai além de 1 fr. e 50 centimos por dia para alimentação e 2 fr. e 50 centimos por mês para alojamento. Ha fabricas que possuem cantinas, onde a alimentação é mais barata. Ha outras, como a Creusot, que fornecem gratuitamente o alojamento.

O trabalho é de 10 horas por dia, com descanso semanal. O pagamento dos salarios efectuar-se-á ás quinzenas.

O govêrno português nomeará um delegado encarregado de fiscalizar o cumprimento do contracto, o qual participará qualquer infracção ao ministro de Portugal em Paris, para este a comunicar ao govêrno francês, com o pedido de providencias.

Serão tambem nomeados capatazes, isto é, chefes de grupos de artifices ou trabalhadores. Sempre que o ministério da guerra veja que não ha nisso inconveniente, os capatazes pôdem ser escolhidos entre sargentos reformados ou da reserva.

Notas mundanas

Tendo regressado de Caldelas, chegou á Costa Nova do Prado onde conta permanecer até ao fim do mez de Outubro, a sr.ª D. Maria das Dôres Freire, esposa do sr. José Moreira Freire, digno presidente da câmara municipal de Loanda.

✠ *Deu á luz um menino a esposa do estimado ilhavense, sr. Luiz Teiga, capitão da marinha mercante.*

✠ *Já se encontra na sua casa de Estarreja, vindo da Torreira, o sr. Manuel Valente de Almeida e Silva.*

✠ *Tem estado na Costa Nova o sr. dr. Felizardo Antonio Saraiva, nosso colêga do* Combate, *da Guarda.*

✠ *Está atualmeate em Novo Redondo, donde nos escreve um captivante postal, o nosso amigo, sr. Manuel Luiz Coimbra Flamengo, a quem desejâmos todas as felicidades de que é digno.*

✠ *Regressou ontem de S. Pedro do Sul á sua casa da Costa do Valado o distinto elinico, sr. dr. Abilio Marques.*

Acompanharam-no as suas interessantes filhinhas e cunhada, sr.ª D. Conceição Biaia.

MUSEU REGIONAL

Lemos no *decano* dos camaleões que a direcção do Museu Regional de Aveiro acaba de pedir ao Conselho de arte e arqueología da 2.ª circunscrição, uma sindicancia sobre a organisação e estado atual do recolhimento de preciosidades da Rua Miguel Bombarda, provocado naturalmente por o que foi inserto no ultimo numero do *Democrata* e a ele referente.

Não podia ser mais depressa. E pois que esperâmas que alguma coisa se esclareça com respeito aos zuns-zuns que se levantaram em róda do Museu, resta-nos aguardar os resultados dessa sindicancia, prontos a fazer justiça a quem tivér direito a ela.

O cumulo!

—=(*)=—

Aqui referimos quanto de inconveniente, prejudicial e perigoso houve na venda de 83 bilhetes a mais para as galerias do teatro na noute em que subiu á scena *Pedro, o cruel*. Centenas de testemunhas pódem afirmar o que presencearam, vendo naquele logar não uma fila de espectadores, ocupando os seus 120 logares marcados, mas uma pilha, um cacho de gente, apertada, acotevelando-se numa situação horrorosa, na contingencia até de vir cá abaixo, o que muito facil sería se por desgraça o varandim cedesse á pressão violentissima exercida por os que se esforçavam e estendiam sobre as pessoas sentadas ás quaes o varandim servia de apoio para não serem esmagadas.

Quando chegou o momento de principiar o espectaculo, e que todos convergiram para a frente, tentando vêr o melhor que podiam, levantaram-se justificados protéstos, alvoroço, exclamações, não ficando um espectador que se não insurgisse justificadamente contra o abuso inqualificavel que originou tal aperto.

Trocaram-se explicações da plateia para cima, de cima para baixo, apareceu um actor a dizer o que lhe aprouve e por fim tudo serenou e os espectadores da galeria, com uma resignação mais que evangelica, sofrendo aquela tortura diabolica, mantiveram-se no mais rigoroso silencio, na mais completa ordem.

Pois o sr. comissario de policia, que estava muitissimo á larga e confortavelmente sentado no seu camarote, deu parte em juizo contra dois espectadores da galeria, os srs. José Augusto e Antonio Rodrigues Pereira, como os unicos autores de todo o incidente, imputando-lhe a responsabilidade pela interrupção do espectaculo e perturbação da ordem!!!

E quem hade tornar o sr. comissario responsavel pela falta de providencias que deveria ter adoptado na presença de tamanho abuso? Mas que fizéram esses individuos? Convidaram que fôsse lá acima alguem verificar da verdade das suas queixas. Nada mais!

E por isso são processados!

Tudo á altura, tudo á altura!!!

Da praia

Costa Nova, 21

E' manhã. O sol rompe, vindo espelhar-se na ria que, serena, cheia de encantos, continúa a oferecer-nos variados atractivos, ineditos panoramas, que cada vez mais radicam a nossa simpatia por este formosissimo rincão de preferencia escolhido para alguns dias de descanço.

Os banheiros andam na faina de chamar os freguêses que se queiram mergulhar nas águas do Oceano. Dentro em poûco quasi tudo estará a pé e á beira-mar convergirão quantos por necessidade ou outro qualquer motivo ali se costumam dar *rendez-vous*... antes do calor.

Hoje não vâmos. Preferimos ir vêr chegar, daqui a bocado, ao alto da lomba, os que regressam do seu costumado passeio matutino, frescos como uma alface, uns, derretidos pela nota impressionante da amorosa jornada, outros. Sim; porque o banho, digam o que disserem, mete quasi sempre amor e nem o *Francinet* viria de Lisboa aqui passar a estação calmosa se não fossem os belos *palmitos* que por cá se juntam a fazer as delicias da praia com os seus lindos olhos e as suas *esmeradonas* maneiras.

O *Francinet!* De certo conhecem do ano passado o Albano de Carvalho. E' um rapaz irrequieto, cheio de vida, naturalmente alegre e que, vestindo como o mais dengoso *Adelaide*, nem por isso se lhe nota qualquer tendencia que o comprometa deante do belo sexo ou mesmo do sexo forte. Pelo menos nunca démos por tal e assim o *Francinet* é recebido por todos sem o mais leve confrangimento, sucedendo até irem-no esperar este ano ao norte para o trazerem debaixo dum improvisado palio até ao *Club dos Novos*, que o recebeu festivamente, oferecendo-lhe na *sala verde* um copo de água... de Luso, um prato de tremoço e outro de pevides, para quebrar o jejum. Antes, e apenas se apeára do automovel, fôra ele presenteado com um *rico* colar de cebolas, alhos e tomates, associando-se às manifestações da rua, que teve de atravessar a pé, muitas das suas admiradoras, de quem recebeu flôres e enebriantes sorrisos, tanta a satisfação de o vêrem de novo no mesmo estado... de solteiro, embora com um ano a mais, quasi caréca e sem dois dentes, que teve o des-

plante de jogar ao *chicalhão*, segundo confessou, ao mostrar-se avesso a esse modo, nada util, de passar o tempo.

E o caso é que estâmos todos de acordo neste ponto.

Das duas rolêtas que vieram estabelecer se na Costa nenhuma logrou ainda estreiar-se, apezar dos convites feitos á valsa. E' que a rapaziada sabe como se deve conduzir e não está disposta a arrostar com as responsabilidades pelo não cumprimento da lei, caso seja apanhada em flagrante: quer cercando o 11 quer saltando na dama. Por esse lado a Costa Nova dá um grande exemplo ás outras praias que o jogo tem desmoralisado. Repudiou a rolêta e a rolêta faz que existe, mas não existe. Não toléra a batota e a batota deixa de se fazer, recorrendo-se ao jogo licito, unico que nos entretem algum bocado.

De resto, uma *chinchada* como aquela que ante-ontem se realisou, não ha nada que lhe chegue. E' dos vários atrativos da praia o que melhor se adapta á época e á vida que aqui se leva. Diz-se que veio este ano pouca gente, mas sempre se reuniram o José Guerra, Manuel Craveiro Junior, Albano de Carvalho *(Francinet)*, Manuel Marta, Antonio Victor, J. Almeida Lito, Antonio Baêta da Fonseca, Manuel Mesquita, dr. Simão José, Francisco Simão, Antonio Felizardo, dr. Felizardo Antonio Saraiva, Mario Melo, João da Silva Pereira, Egas Trancoso, Arnaldo Ribeiro, José Sacramento, Joaquim de Oliveira Machado, José Pereira Teles, Americo Quintino Teles, José de Almendroal, J. Pedro, Manuel Gomes Regueira, Armenio Duarte de Carvalho, Francisco Ramalheira, dr. Samuel Maia, Joaquim Santos, Marcos Pereira Ramalheira. e Manuel Sacramento, alem doutros cujos nomes nos não ocorrem, conseguindo trazer uma escolhida *caldeirada* para a ceia na Antoninha, que, como sempre, decorreu no meio de extraordinaria animação.

Temos pena que o espaço nos não permita ir mais longe, relatando as peripecias que se déram, as scenas hilariantes a que assistimos, os ditos e tudo o mais que constitue uma pescaria por amadores. Para a outra vez será. Só acordámos na vespera do jornal e por isso ninguem se admire do que falta, visto ser preciso atender a que tambem fômos a essa *chinchada* ainda mal refeitos do susto pelas ameaças do chefe do distrito ao reprimir o jogo nestas deslumbrantes paragens...

Patanéco Junior

NECROLOGÍA

Com a idade de 5 anos apenas faleceu a semana passada, em Lisboa, o menino José Luiz, filho do nosso amigo velho, sr. João Carlos Tineo do Amaral Osorio, digno aspirante da Alfandega de Moçambique.

Acompanhâmo-lo no desgosto profundissimo porque acaba de passar o seu bom coração de pae.

UM LIVRO

Foi posto á venda pela *Bibliotéca Portuguêsa-Editora*, que no Porto acaba de constituir-se, um volume do notavel escritor Bazilio Teles, intitulado *A França e a guerra de 70* e que decerto vai ter um grande acolhimento devido a ser duma flagrante actualidade a sua aparição no actual momento historico.

Agradecendo á *Bibliotéca* o ternos distinguido com o envio da preciosa obra, só nos resta cumprimentar os seus arrojados emprezarios, desejando-lhes o maximo de prosperidades.

Um grande avanço

—=(*)=—

Trata-se do açucar, ou por outra, dos açucareiros e dos tamanhos das conchas de que se servem os comerciantes cá da terra para o servir ao publico.

Hoje já não ha freguezes. Todos correm pelas nove ou dez lojas que o vendem, mendigando o quarto de kilo que a comissão autorisa, juntando, os proprios chefes de familia, perto de dois kilos por dia sem que os comerciantes transgridam as ordens recebidas. Hoje é uma doente, ámanhã um menino de colo, sempre em segredo e pedido por alma de quem lá teem, com a lagrima ao canto do olho, tudo dito de tal maneira que o bom do comerciante, que *não quer bulir nos sacrificios dos gosos de cada um*, mete a concha grande no açucareiro, se assim se póde chamar a uma casa recheada de açucar que espera o bom preço e serve o pedinte. Egualmente se serve da mesma concha para o ex.^mo sr. A ou B, servindo por colheres de chá o pobre, não intrujão e sem importancia.

A comissão de subsistencias arranjou açucar, e arranjou-o por baixo preço (relativamente). Um grande avanço. Agora é preciso saber reparti-lo. De cada cabeça cada sentença — e por isso lá vae mais uma. Como em Aveiro cada casa tem uma porta para a rua e como em cada rua ha pelo menos uma loja, não importa se de panos, porque se não hão-de abastecer todos os de uma rua na sua propria rua? E' facil calcular os moradores dessa rua e o sr. F. encarregado pela comissão, requisitaria só para os moradores da sua área. Ao sr. F. forneça-lhe a comissão para cada dia tantos quartos de kilo quantos os moradores —i sto a principio — porque mais tarde, já o tal sr. F. póde informar a comissão de que certas pessoas não gastam açucar, de que outras gastam só 100 gramas e de que grandes familias precisam de 1|2 kilo. Sim. Um chefe de familia constituida só por esposa e creada, não tem sobre o açucar os mesmos direitos que um outro dirigente de uma casa de sete pessoas. Para um devem servir-se da concha pequena, para o outro da concha grande; não vá então o que necessita de menos ceder por maior preço ao outro—o excedente...

Quim & Necas

Festividade em Esgueira

No sabado, domingo e segunda ultimos, efectuou-se em Esgueira a festividade da Senhora do Rozario.

O programa, que foi cumprido á risca, constou de alvorada nos tres dias, arraial noturno com duas bandas de musica, a de Angeja e a José Estevam, de Aveiro, vistosa iluminação e fogo de artificio, no sabado; missa soléne, sermão e procissão, no domingo; e na segunda-feira, corridas de sacos, de cantarinhas, mastro de *cocagne*, etc., tocando, durante estas diversões, a tuna do *Centro Republicano de Esgueira*, que pela primeira vez se apresentou em publico, sendo muito apluadida.

As festas decorreram brilhantemente e sempre na melhor ordem, sendo grande a concorrencia, sobre tudo de pessoas desta cidade.

O **Democrata** *é o jornal republicano de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*